

13 - RIBEIRO RAMOS

CADEIRA Nº 13
PATRONO: DOM JERÔNIMO TOMÉ DA SILVA

RIBEIRO RAMOS

João RIBEIRO RAMOS, filho de Francisco Ramos dos Reis e de Joaquim Ribeiro Ramos, nasceu no Sítio Boa Vista, na Vila da Nossa Senhora da Conceição (hoje Município de Guaramiranga, então distrito de Baturité), no dia 10 de abril de 1906. Estudou as primeiras letras com seu pai e freqüentou a Escola Pública da Vila Conceição; fez o curso secundário na Fênix Caixeiral e, depois dos preparatórios no Liceu do Ceará, colou grau em Farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará (1925). Trabalhou como farmacêutico em Baturité, Fortaleza, Acaraú e Sobral, onde se diplomaria Contabilista pela Escola Técnica de Comércio Dom José, da qual seria Diretor, ao mesmo tempo que lecionava Português, História, Legislação Trabalhista, Economia e OSPB. É Sócio Honorário do Centro de Estudos Históricos e Antropológicos do Ceará. É vasta sua colaboração em jornais e revistas do Ceará e de outros Estados, tendo publicado com mais freqüência n' ***O Acaraú,*** *no* ***Correio da semana,*** *de Sobral, na* ***Gazeta de Notícias,*** *no* ***Unitário,*** *no* ***Correio do Ceará,*** *n'* ***O Povo*** *e na* ***Tribuna do Ceará,*** *de Fortaleza; tem publicado também n'* ***A Verdade,*** *de Baturité e no* ***Jornal do Comércio,*** *do Rio. Além de várias placas de prata recebidas, tem Diploma de Honra ao Mérito Farmacêutico e Medalha Professor Osvaldo Rabelo, do Conselho Regional de Farmácia, tendo sido escolhido "Farmacêutico do Mês", título conferido pela revista* ***Gazeta da Farmácia,*** *do Rio de Janeiro. Também foi agraciado com Diploma de Honra ao Mérito da Academia Nacional de Farmácia e a Medalha do Centenário do Instituto do Ceará. Obras publicadas:* ***Centenário da Paróquia de Santana do Acaraú*** *(1948),* ***Eu... Sou Aquele que Serve*** *(1977), conferências;* ***In Memoriam - José Hélio Barreto Arruda Coelho*** *(1979),* ***O Príncipe Padre Antônio Tomás*** *(1979),* ***À Memória de Francisco Tomás Lourenço*** *(1980),* ***O Centenário de Dom José à Luz da Academia*** *(1982),* ***Um Mestre e um Poeta — dois***

__homens no meu caminho__ (1983), focalizando seu irmão, o escritor J. W. Ribeiro Ramos, e o Padre Antônio Tomás; __Consumindo Luas__ (1987), crônicas, e __Bodas de D(i)amente__ (1989). Ribeiro Ramos é ainda Sócio Titular da Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, sendo membro do Conselho Deliberativo e Sócio Titular da União Brasileira de Escritores, de São Paulo. Dentre inúmeros trabalhos seus estampados em revistas, podemos citar "José Waldo, Irmão, Mestre, Amigo" (sobre o irmão, que foi ocupante da Cadeira nº 32), na __Revista da Academia Cearense de Letras__ nº 41, de 1980; "O Juiz José Sabóia de Albuquerque", na mesma revista, nº 46, de 1985-86, e "Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil: um Livro Fonte", no nº 48, de 1989-90. Falando de sua obra, disse F. S. Nascimento: "Quanto a Ribeiro Ramos — que bela autobiografia! A saga do Acaraú se mostrara dadivosa a esse ilustre filho de Guaramiranga, concedendo-lhe a graça de lá descobrir a sua Fornarina, para um união fecunda e terna; intérpretes maravilhosos da teoria das afinidades eletivas de Goethe, o Acadêmico Ribeiro Ramos e a poetisa Dinorah Tomaz Ramos souberam conquistar, com inteligência e humildade, o respeito e a admiração dos seus conterrâneos, enaltecendo a terra cearense e a literatura que nestas plagas se produz." A alusão à Fornarina vem certamente do fato de o escritor haver usado, por muitos anos, nos jornais, o pseudônimo de Rafael Sânzio.

PADRE ANTÔNIO TOMÁS, PRÍNCIPE DOS POETAS CEARENSES

Mais uma vez estou sendo solicitado a escrever algo sobre o Padre Antônio Tomás, Príncipe dos Poetas Cearenses e um dos maiores da língua portuguesa. Nada mais fácil o escrever-se sobre uma pessoa com quem se conviveu de perto e que mereceu a nossa maior estima e profunda admiração, mas nada mais difícil, em se tratando do Padre Antônio Tomás, em virtude mesmo de sua simplicidade e de ser totalmente infenso a quaisquer manifestações que lhe parecessem ir além da pura e sincera amizade.

Nasceu o Padre Antônio Tomás na cidade de Acáraú, Estado do Ceará, a 14 de setembro de 1868; era filho do Professor Público Gil Tomás Lourenço e de D. Francisca Laurinda da Frota, oriundos do município de Santana à margem do rio Acaraú. Toda a sua vida foi passada na Ribeira do Acaraú,de onde se afastaria apenas para cursar o seminário, em Fortaleza, onde recebeu o presbiterato a de dezembro de 1891, e para exercer o vicariato de Trairi — 14 de setembro de 1894 a 3 de janeiro de 1897. Foi um homem sempre preso à terra de seus maiores, e jamais afastou-se do Ceará, sob qualquer pretexto; evitava a sociedade mas gostava da gente simples, que lhe tinha grande respeito, estima e admiração.

Estudou as primeiras letras com a mãe, por quem tinha verdadeira adoração, e o curso primário com o pai; foi mandado a Sobral e ali matriculado na escola do famoso e culto Professor Arruda, preparando-se para o Seminário de Fortaleza. Foi aluno brilhante. Estava sempre entre os melhores da classe. Fez-se humar'sta. Talvez por influência do severíssimo Professor Gil voltou-se para o Latim e o Português. No seminário mais três idiomas o atrairam — Francês, Espanhol e Italiano, sem descurar o Inglês. Os estudantes de seminário nos idos do século passado eram censurados — uma verdadeira tortura para quem gostasse de Literatura. Mesmo assim o futuro poeta lia alguma coisa,e lia muito, travando conhecimento com os grandes escritores e poetas de épocas passadas, procurando ampliar as tendências adquiridas e trazidas das aulas do Profesor Arruda. Acredito piamente que o jovem Antônio Tomás começou a sentir os primeiros pruridos

poéticos por esse tempo. Nunca lhe perguntei nada sobre tal assunto e nem tão pouco ouvi qualquer comentário de Dinorá, sua abalizada biógrafa e que com o tio ilustre e querido conviveu por tanto tempo. Os poucos originais que ela conseguiu ou compulsou estão em miscelâneas e diários particulares. Todos os poemas do Poeta-Sacerdote eram escritos — tudo me faz pensar assim — sob inspiração do momento e eram por ele guardados numa gaveta qualquer até que um amigo mais íntimo ali o apanhava e fazia publicar nos jornais. Algumas vezes ele mandava o original em carta ao amigo distante, especialmente para o Monsenhor Furtado, Vigário Geral da Diocese de Fortaleza — os dois eram grandes amigos — que foi sempre o maior responsável pela divulgação dos sonetos do poeta e colega, a quem constumava hospedar em suas raras visitas à Capital.

Tive o grato ensejo de conhecer o Padre Antônio Tomás em novembro de 1927, quando de sua primeira visita a Acaraú, depois de haver se afastado do múnus paroquial, em junho de 1924, por motivo de saúde, indo residir em Santana em companhia do mano Francisco Tomás Lourenço, tabelião naquela cidade. Fui apresentado por sua sobrinha Dinorá, professora do Grupo Escolar de Acaraú, hóspede dos primos, casal Maria-João Coelho, excelentes amigos que fiz desde que cheguei à cidade em data de 27 de março de 1927. Diplomado em Farmácia, em dezembro de 1925 eu viera a estabelecer-me em Acaraú, no desempenho de minha profissão, em sociedade com um capitalista local. Afiz-me ao meio rapidamente. Aproximei-me dos jovens de ambos os sexos, sempre bem aceito por todos e, por intermédio deles iniciei as primeiras relações de amizade com a chamada "família acarauense" criadora e mantenedora do clube social, seleto e bastante freqüentado, denominado significativamente de "Recreio Dramático Familiar", já com sede própria e mantendo como meio de publicidade um jornal quinzenal — *O Acaraú* — e uma tipografia.

Foi lá, no Recreio, numa tertúlia lítero-musical, que um dos diretores me apresentou à jovem professora Dinorá Tomás, que me externou a sua simpatia ao saber que eu iria recitar "O Palhaço", confessando-me que o autor era seu tio legítimo e irmão de seu pai, o Tabelião Francisco Tomás Lourenço. Gostei muito da moça e acho que lhe causei boa impressão. Conversamos muito notando que ela era bastante versada em Literatura e não escondia a

estima e profunda admiração pelo tio ilustre e Príncipe dos Poetas Cearenses. Separamo-nos com uma prolongado aperto de mão e pedido de permissão para visitá-la. Hoje, à distância, posso afirmar: aquilo foi um amor à primeira vista, como dizem os românticos.

Depois desse primeiro encontro com o Padre Antônio Tomás e que deu início a uma grande amizade, vimo-nos uma segunda vez, em Santana, quando visitei a linda e encantadora cidade, e uma terceira quando em julho de 1928 ele foi convidado de honra do Prefeito Manuel Albano da Silveira para as festas comemorativas da inauguração da luz elétrica na sua cidade natal.

Depois do nosso casamento feito por ele, coadjuvado pelos seus ilustres colegas de sacerdócio pároco Francisco Araken da Frota e Padre José Joaquim Soares, vigário de Massapê, na Matriz de Senhora Sant'Ana, a 26 de julho de 1929, nossos encontros tornaram-se freqüentes, consolidando a nossa sincera e recíproca amizade. Fazia gosto ouvi-lo falar sobre todos os assuntos — Literatura, Filosofia, Letras e Artes, Ensino, Educação, Igreja e Fé, a vida, enfim. Poeta que era a Poesia era tema freqüente. Nas reuniões de família, à noite, nas habituais rodas de calçada, familiares e visitantes ocasionais, agrupávamo-nos em torno de sua cadeira de balanço, pois ninguém queria perder uma só de suas palavras. Fazia-se música e as noites se prolongavam, quase sempre em belas serestas ao som de flautas, de dolentes violões e delicados violinos. Vivia-se ali os suaves e dedicados encantos da vida. Como tudo passa esse tempo feliz passou, deixando-nos apenas inesquecíveis recordações.

Nessas palestras amenas costumava contar cenas e passagens de sua vida de pároco do sertão, relembrando de modo especial a terra natal, onde foi vigário durante trinta anos. Comovia-se e quando havia visitantes de outra paragens recitava o soneto "O Acaraú", escrito em 1924.

Revejo em sonho a terra estremecida
Do Acaraú... seus vastos taboleiros,
A minha casa, os belos companheiros
Que lá deixei na hora da partida.

Vejo o mercado, as pontes, a avenida,
O rio, o porto, os mangues altaneiros,
Ouço o rugir do vento nos coqueiros,
E, além, do mar queixoso a voz sentida.

Do velho sino os graves sons escuto
E lá do torreão no cocoruto,
De andorinhas avisto inquieto bando...

Entro na igreja, minha igreja outrora
E vejo em seu altar Nossa Senhora,
Com seu olhar piedoso me fitando...

Por duas vezes apenas voltou a rever a terra amada onde nascera e onde escreveu a maioria de seus primorosos sonetos, alguns dos quais verdadeiras obras de engenho e arte.

Sacerdote e poeta e portador de uma crença profunda nas verdades eternas há em toda a sua obra uma patente demonstração do seu amor à Virgem Imaculada e ao Cristo Jesus.

Vejamos a comprovação nos dois sonetos que se seguem:

AVE MARIA

Ave Maria, ó cândida donzela
Toda cheia de graça e formosura,
Deus é contigo, excelsa criatura
E o seu poder imenso em ti revela.

Bendita és tu, mimosa flor singela,
Preservada por Deus da culpa escura,
Entre todas as virgens a mais pura,
Entre as mulheres todas, a mais bela.

Jesus, o doce fruto originado
Do teu seio — é bendito e celebrado
Por céus e terra em místico transporte.

Santa Maria, ó Mãe de Deus querida,
Pede por nós durante a nossa vida,
Dá-nos o céu depois da nossa morte.

A CRUCIFIXÃO

Eu perguntei ao Céu — "Que monstro carniceiro
A um Deus crucificou?" — E o céu disse num brado:
— "O Homem! Apaguei o sol de horrorizado,
Vendo o justo expirar pendente do madeiro."

Interroguei o mar: — "Quem foi o triste obreiro
Da torpe iniquidade?" — "O Homem!" — disse irado
O mar, — "Quando se deu o bárbaro atentado,
Em escarcéus me ergui, e o disse ao mundo inteiro!"

Falei à Terra; e a Terra, em vozes de censura:
— "Foi o Homem!" — clamou — "Então de mágoa pura,
Estalando me abri, ao crime hediondo oposta."

Ao Homem, que passava alegre pela vida,
Igual pergunta fiz; mas ele, a fronte erguida,
Com desprezo me olhou, e não me deu resposta.

Com este belíssimo soneto — versão de Montgomery — o Padre Antônio Tomás ganhou um prêmio, alcançando o primeiro lugar entre vários concorrentes.

No ano em que me casei residia em Santana o Dr. José Athayde, cearense, filho do Desembargador Feliciano de Athayde e irmão do notável jornalista e escritor Austregésilo de Athayde que seria um dos maiores vultos da inteligência brasileira; eleito para a Academia Brasileira de Letras e o titular que maior número de anos desempenharia a Presidência da gloriosa Instituição. O Dr. Athayde e o Padre Antônio Tomás tornaram-se bons amigos e, todas as noites, os dois se encontravam em casa do Tabelião Francisco Tomás nas costumeiras tertúlias. Um dia, o Dr. Athayde anunciou que fora chamado pela família ao Rio e ofereceu ao

Padre uma fotografia sua com expressiva dedicatória. No dia da partida, ao receber o abraço de despedida do amigo entregou-lhe uma folha de papel dobrada dizendo: "Seja feliz. Aí está minha retribuição." Na folha estava escrito o original do:

PERFIL DE UM MISANTROPO

Vivendo entre os humildes e os pequenos
Sempre evitei o rico e o poderoso;
Os meus sonhos de tímido e medroso
Foram sempre modestos e serenos.

Nunca tive ambições de bens terrenos,
Nem desejo de nome ou posto honroso;
Nunca, em moço aspirei do fausto o gozo,
E agora na velhice, muito menos.

Olho, sentindo n'alma horror profundo,
Para os homens e as coisas deste mundo,
Como para uma eterna palhaçada.

E sem cessar a doce paz bendigo,
Em que descanso, no seguro abrigo
Da minha pequenez e do meu nada.

Era mesmo assim o Padre Antônio Tomás — não gostava de reuniões sociais, formalísticas, onde tanta gente deseja aparecer, de se projetar; a chamada "vaidade das vaidades" inerente à própria humanidade. Gostava das boas amizades e as cultivava. Era muito retraído, "tímido e medroso" evitando sempre "o rico e o poderoso". De uma simplicidade admirável buscava sempre a companhia das crianças. Entre os seus hábitos, a apicultura, cultivar roseiras, criava pombos e pássaros, especialmente canários. Vejamos esta pequenina obra-prima:

NA MORTE DE UM CANÁRIO

Finou-se o Verdi, o meu pequeno e louro
Amigo no pesar e na ventura;
Morreu da peçonhenta mordedura
De uma aranha talvez ou de um besouro;

Que eu bem lhe vi por entre as penas de ouro
(Quando o ia levando à sepultura),
O claro indício, nessa nódoa escura
A lhe manchar da cabecinha o couro.

Ontem, sadio, alegre e prazenteiro,
Cantava sem cessar o dia inteiro,
Levando os companheiros de vencida.

Hoje tudo acabou. Eu sonho entanto
Ouvir ainda as notas do seu canto,
Como um sausoso adeus de despedida.

De volta a casa, depois de alguns dias de ausência, viu o chão de seu jardim juncado de pétalas mortas. De coração apertado dedicou-lhes este soneto lindo:

A MORTE DAS ROSAS

Nos canteiros orlados de verdura,
De mil gotas de orvalho umedecidas
Cheias de viço e de perfume ungidas,
Desabrocham as rosas à ventura.

Mas a vida das rosas pouco dura,
E as míseras em breve, enlanguecidas,
A fronte curvam, nos hastis pendidas,
Sob os raios do sol que além fulgura

E vão largando as pétalas mimosas,

Ao sopro mau dos vendavais infestos,
E os despojos finais das tristes rosas,

De cor vermelha, pelo chão tombados,
Fazem lembrar sanguinolentos restos
De pobres corações despedaçados.

Dois outros hábitos no lazer do poeta — a fotografia e a carpintaria. Ele próprio fabricava as gaiolas para os seus pássaros e os cortiços para as suas abelhas — montou um pequeno atelier fotográfico e oficina de carpinteiro. Jamais foi bom fotógrafo. Faltava-lhe arte, o que, aliás, reconhecia.

Desde que me aproximei do nosso querido "TIPADRE" como lhe chamavam as sobrinhas, notei que ele, mesmo que solicitado, jamais declavama os seus imortais sonetos como por exemplo "O Palhaço", "Contrastre", "Eva", "Verso e Reverso". Recitava sempre "Confidências" e "Sonhos Mortos". Ei-los:

CONFIDÊNCIAS

Eu fui contar, chorando, as minhas penas
Ao velho mar; e as ondas buliçosas,
Julgando que diria essas pequenas
Mágoas comuns ou queixas amorosas,

Não quiseram cessar as cantilenas
Que entoavam nas praias arenosas;
Mas, pouco a pouco, imóveis e serenas,
Quedaram todas, por me ouvir ansiosas.

E concluída a narração de tudo,
Mostrou-se o mar (pois nunca tinha ouvido
História igual) sombrio e carrancudo.

Depois, rolando as gemedoras águas,
Pôs-se a chorar também compadecido
Das minhas fundas, dolorosas mágoas.

SONHOS MORTOS

Tive sonhos azuis na mocidade,
Que vinham, como pássaros em festa,
Encher-me o seio, — um canto de floresta
De gratos sons de viva alacridade.

Mas um dia a cruel realidade
Pôs-lhes em cima a rude mão funesta
E exterminou-os... Nada mais me resta
Na minha negra e triste soledade.

Hoje, o meu seio inerte, mudo e frio
Se converteu em túmulo sombrio
Por sobre o qual, gementes e tristonhos,

Alvejantes fantasmas se debruçam:
São as meigas saudades que soluçam
Sobre o jazigo eterno dos meus sonhos.

Os eternos maldizentes — sempre os há por toda a parte e em todos os tempos — com o claro intuito de atingir o Sacerdote-Poeta diziam que o mesmo foi ameaçado de suspensão de ordens pela autoridade eclesiástica, quando da publicação dos magistrais sonetos "Eva" e "Verso e Reverso". Tal coisa jamais aconteceu. Outros ainda foram além ao afirmarem que o malfadado soneto "Noite de Núpcias" era de sua autoria. As pessoas da família do Padre e os amigos mais íntimos sabiam que Antônio Tomás jamais escreveria o tal soneto. Por isso mesmo a sobrinha e biógrafa em seus livros negou tal fato peremptoriamente. Eu mesmo, após a publicação do livro de minha mulher, vim a saber o nome do autor de "Noite de Núpcias", — o poeta e professor Antônio Ferreira Porto, de Granja, residente por muitos anos em Sobral e ali falecido. Meu companheiro da Academia Sobralense de Estudos e Letras, me confessou haver perpetrado o soneto — um pecadilho da juventude.

Em 1940, sentindo agravados os seus sofrimentos prostáticos o Padre Antônio Tomás transferiu-se para Sobral, onde ficou aos cuidados médicos do urologista e competente cirurgião Dr.

Guarany Mont'Alverne, de quem era muito amigo. Internou-se na Santa Casa de Misericórdia, alardeando a esperança de que no ano seguinte estaria celebrando o seu tão almejado Jubileu de Ouro de Ordenação Sacerdotal. Dom José Tupinambá da Frota, seu parente próximo e Bispo da Diocesse, fê-lo capelão daquele nosocômio. Ali, eu e Dinorá o visitávamos constantemente, levando nossos filhos menores, um dos quais, a menina Maria Evangelina, era sua afilhada. Esses encontros faziam-no feliz. Certo dia, nós o vimos com um jornal na mão, era o *Correio da Semana,* órgão da Diocese, e o nosso tio leu, alegremente, um soneto ali estampado, a ele dedicado e de autoria do então seminarista granjense Oswaldo Chaves. Após a leitura as suas primeiras palavras: — "Este menino vai ser um poeta." (O vaticínio deu certo.) Ao jovem poeta ele retribuiu com o seguinte soneto, que seria o último e o seu "canto do cisne", cujo original conservamos, trazendo a data de 03 de fevereiro de 1941:

DESENCANTO

Muitas vezes cantei nos tempos idos,
Acalentando sonhos de ventura;
Então da lira a voz suave e pura
Era-me um gozo d'alma e dos sentidos.

Hoje vejo esses sonhos convertidos
Num acervo de penas e amargura,
E percorro da vida a estrada escura
Recalcando no peito os meus gemidos.

E se tento cantar como remédio
Às minhas mágoas, ao sombrio tédio
Que lentamente as forças me quebranta,

Os sons que arranco à pobre lira, agora
Mais parecem soluços de quem chora
Do que a doce toada de quem canta.

Além de pequenos trabalhos publicados na imprensa da

época, só conheço em prosa, do Padre Antônio Tomás, o folheto *Almofala,* inserto no livro de Dinorá. Li, em mãos dela, um belíssimo e substancial discurso, pronunciado da Sala do Júri, em Acaraú, quando da aposição ali da imagem de Cristo Crucificado. Alguém pediu por empréstimo essa primorosa Oração e não mais a devolveu. Uma pena!

Ao ensejo da passagem do Centenario de Ordenação do Padre Antônio Tomás, em 6 de dezembro de 1991, a data foi celebrada com muito carinho em nosso Estado, pelas entidades culturais e literárias. Do mesmo modo não foi esquecido o cinqüentenário de sua morte, ocorrida na noite de 16 de julho de 1941. Houve comemorações cívicas e religiosas. Isso tudo é confortador e motivo para que todos nós, componentes das famílias Tomás Lourenço e Ribeiro Ramos, tornemos pública a nossa gratidão.

Nosso eminente mestre e nobre amigo, Acadêmico Cláudio Martins, n s abordou no sentido da família ceder os direitos de publicação da obra poética do Padre Antônio Tomás — seria uma edição caprichada por uma editora do sul do país, devidamente propagada, a fim de tornar o príncipe dos nossos poetas mais lido na culta região Centro-Sul. Não nos foi possível atender a tão amável pedido, em virtude do Padre Antônio Tomás haver deixado proibição em seu testamento. Agora nos chega igual pedido de Mary Solon Porto, extraordinária Presidente da Casa do Ceará em Brasília. A negativa permanece, assim como, imortalizada, a memória do grande Poeta-Sacerdote permanece em nossos corações.

Original fornecido pelo autor.